

na morte simultânea de um jovem presidente e de um velho escritor.”

Aldous Huxley compartilhou com seu ilustre avô, Thomas Henry Huxley, um desdém pela inflexibilidade científica. Todavia, enquanto seu avô, por mais que fizesse, não pôde dedicar-se seriamente à pesquisa psíquica e ao espiritualismo, Aldous era fascinado pelas intimações do sobrenatural, curioso sobre as novidades acerca das curas não-ortodoxas e sem medo de associações com esquemas “malucos”. Sua aprovação do LSD foi explorada por messiânicos entusiastas. Se Huxley tivesse vivido poderia ter denunciado os abusos das drogas alucinogênicas; muito provavelmente, ele teria conservado sua imparcialidade, garantindo a qualquer homem o direito de procurar seu próprio céu ou inferno.

Aldous Huxley nasceu em Godalming, Surrey, no dia 26 de julho de 1894. Teve que abandonar o estudo convencional aos dezessete anos, devido a um mal nos olhos (inflamação na córnea). Graduou-se em literatura inglesa no Balliol College de Oxford e casou com a moça belga Maria Nys, em 1919. Os dois viajaram muito, a começar de 1924. Tiveram um filho, Mathew. Durante muitos anos Huxley foi amigo de D. H. Lawrence; a atividade mental de Huxley e a atração de Lawrence pelo erótico-primitivo já foram assunto de muitas análises literárias e autobiográficas. Lawrence morreu em 1930. Os Huxley visitaram os Estados Unidos pela primeira vez em 1937. Instalaram-se nas colinas acima de Hollywood; seus amigos incluíram muitas personalidades famosas no campo cinematográfico; junto com Christopher e Gerald Heard, dois outros expatriados britânicos, Huxley dedicou-se à filosofia hindu.

Em maio de 1953, Huxley fez uso da mescalina, o equivalente químico do cacto *peyote*, similar, nos seus efeitos alucinogênicos, ao posterior e muito divulgado LSD. Suas impressões nas doze horas seguintes foram relatadas em *Doors of Perception* [Portas da Percepção] (Nova Iorque, 1954). O Dr. Humphry Osmond, que supervisionou o experimento de Huxley, escreveu na revista *Tomorrow* (primavera, 1954) que o “Sr. Huxley acredita, como eu, que o que é revelado quando o cérebro está em inatividade temporária, embora enquanto a percepção ainda está presente, é um meio para aprender mais sobre a nossa própria natureza, numa época em que necessitamos, desesperadamente, de um entendimento científico desses assuntos”.

Na revista *Life* (11/janeiro/1954), Huxley sintetizou a condição da pesquisa psíquica, conforme ele a viu. Citou dois casos muito conhecidos. Uma mulher sonhou, corretamente, que seu filho Jack havia morrido, milhares de quilômetros dali, algumas horas antes de o sonho acontecer; no segundo caso, a esposa de um bispo sonhou — como disse Huxley, menos trágica porém ainda mais estranhamente — que viu um porco em sua sala de jantar e algumas horas mais tarde, de fato, um porco vagabundeou pela sua sala de jantar. Os incidentes foram retirados de registros das sociedades inglesa e americana de pesquisas psíquicas. Huxley não viu nenhuma boa razão para duvidar de que eles houvessem acontecido, mesmo.

Ele encarou a coincidência pura como uma explicação desenxabida para os incidentes telepáticos e precognitivos. “Coincidências como essas parecem-nos apenas moderadamente possíveis. A resposta alternativa é mais plausível, porém, mais perturbadora; quando a mãe disse que Jack estava morto, ela sabia, de fato, que Jack estava morto. A esposa do bispo, no momento do sonho, pôde ver com os olhos de sua mente o que ia acontecer na manhã seguinte. Se esta hipótese é correta nós devemos presumir que os seres humanos são dotados, pelo menos em potencial, de uma faculdade paranormal — isto é, fora ou além da faculdade normal.”

Huxley lembrou que os fenômenos paranormais “são tão velhos quanto a experiência humana” e novos apenas para a ciência moderna. Deu à Sociedade de Pesquisas Psíquicas britânica e ao Dr. J. B. Rhine, o crédito de remover a parapsicologia “da reserva especial de uma orla vulgarmente encarada como lunática”. Descreveu as técnicas de pesquisa da sociedade britânica: “Os júris estão preparados, em boa fé, para mandar homens para as galés, baseados em evidências menos convincentes. E os historiadores sustentam com obstinado vigor a realidade de eventos passados, sobre os quais a evidência é muito pior.” Ele achou que o trabalho do Dr. Rhine havia “estabelecido o caso da psi sobre uma base sólida demais para requerer explicações adicionais”. Sumarizando os testes de PES, realizados pelo pesquisador britânico S. G. Soal, com Basil Shackleton como paciente, Huxley registrou estes resultados:

“Em mais de onze mil tentativas, levadas a efeito sob condições cuidadosamente controladas, o Sr. Shackleton atin-